

O ITINERÁRIO DE MARIA CAMPOS

Lilian Rosa Aires Carneiro¹

A obra *A mocinha do Mercado Central* (2011) é uma narrativa das aventuras e desventuras de Maria. A viagem, elemento estrutural da narrativa, constitui a característica de combinar espaço e identidade para a composição da obra. Os espaços constituintes são centros urbanos brasileiros conhecidos geograficamente.

A narrativa inicia com o pensamento de Maria a partir da caracterização e condição social de Valentina Vitória bem como o mistério de seu fim. E, no momento que se preparava para o trabalho Maria conclui que nunca deixaria de refletir sobre o que ficou para trás, mas precisava pensar em outras coisas. **“Penteava o cabelo, mas não penteava o cabelo. Via o espelho, as muitas lâmpadas pequeninhas formando um retângulo todo iluminado, mas não via as lâmpadas, não via o espelho. Era só ele que ela via”.** (REZENDE, 2011, p. 13, grifos do autor). O espelho, as lâmpadas pequeninhas, o retângulo todo iluminado são elementos que compõem um camarim, local de preparo inicial dos artistas. O lugar em que Maria estava evidencia sua situação social atual e remete o seu percurso anterior. O camarim em que a personagem penteava o cabelo demonstra a rotatividade pessoal no espaço, o que reflete as representações nominais de Maria na narrativa. Por sinal, é o lugar onde o artista fica consigo mesmo se preparando para entrar em cena, ou seja, o lugar inicial da busca por sua identidade.

O primeiro espaço apresentado é restrito e caracterizador, a escolha dos objetos, a disposição e a ligação entre eles refletem o modo de ser da personagem. É uma personagem criativa que se deslocará de cidade em cidade vivendo várias personalidades. No fragmento em questão, um camarim de artistas é o espaço restrito e o espelho retangular, as lâmpadas pequeninas, objetos que antecipam as ações da personagem.

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem do Campus Catalão da Universidade Federal de Goiás, lilian.rosaairescarneiro@gmail.com.

O segundo espaço, o espelho, duplica a Maria. Estar diante de si mesma através da imagem refletida delinea sua reflexão, remete aos polos, o que está adiante e o que ficou para trás. A busca por sua identidade retoma, através das lembranças, o percurso intermediário entre os polos e entre a distância paralela dos dois lados da vida: alegria e tristeza, sonho e ação, tragédia e magia. Tais efeitos são verificados por meio do uso da conjunção adversativa, **mas**, para compor o texto no primeiro e segundo capítulo.

Mas Maria precisava pensar em outras coisas (REZENDE, 2011, p. 13).

[...] **Mas antes**, havia a mãe da Valentina Vitória, que qualquer coisa que fosse dizer começava com imagina (REZENDE, 2011, p. 15, grifos do autor).

[...] **Mas antes, bem antes**, o que havia era uma certidão de nascimento, só uma certidão de nascimento, e ela só Maria Campos (REZENDE, 2011, p. 17, grifos do autor).

O itinerário de Maria é composto por vários enredos independentes que não são simultâneos e ao final de cada período há uma fase diferente a ser vivenciada pela personagem. Maria inicia seu percurso de uma forma e continua de outra, vai se construindo no meio da relação existente entre a polaridade, a distância paralela e a adversidade da vida. Os deslocamentos espaciais proporcionam tal relação num sentido de transformação a partir do contato entre os opostos.

A evolução espacial do texto é explícita. Em cada capítulo, logo no início, é situado o local em que a protagonista viverá uma vida com outro nome. O narrador utiliza os números ordinais para dispor a sequência de aventuras, apresenta o novo nome e o significado do mesmo, o que antecipa para o leitor o comportamento que a personagem assumirá e as situações ali vivenciadas. A utilização dos números ordinais de forma crescente enfatiza as mudanças da personalidade de Maria.

Na literatura, em questão, observamos que há espaços que concentram uma carga grande de significados, como, por exemplo, o percurso de Belo Horizonte para São Paulo, local onde a personagem foi concebida de forma violenta.

“Bernadina também com apenas dezoito anos. Já havia perdido os pais, sentia-se totalmente sem rumo, e então quisera conhecer São Paulo. [...] E

estava naquele ônibus. Cochilara um pouquinho. Sentia-se alegrinha. De repente, a freada brusca. O susto. O pavor. Minutos depois, enquanto os outros esvaziavam sacolas, bolsas e malas de mão, o mais jovem dos bandidos olhou para ela. Hesitou por um breve instante. E obedeceu à ordem do chefe. Cometeu o crime. (REZENDE, 2011, p. 21, grifos do autor)

A concepção da personagem incita a busca identitária através dos espaços. Assim, Maria vai à Cidade Livre – Brasília, São Francisco – norte de Minas Gerais, São Paulo – capital, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São João Del Rey e Dores do Indaiá.

A fim de trabalharmos a construção do espaço literário na obra, fizemos um estudo da Topoanálise para retomar o texto a partir das funções do espaço e sua relação com a personagem sob a perspectiva de Borges Filho (2007).

O estudo das funções do espaço e sua relação com a personagem será a partir das consultas de estudos de teóricos do tema e o enredo da narrativa.

Borges Filho (2007) a partir da topoanálise destaca algumas funções do espaço na construção do texto literário. Segundo o autor uma das funções é de caracterizar a personagem: o espaço, ao situar a personagem, mesmo antes que a vejamos agir, revela seu modo de ser e estado de espírito. O primeiro capítulo da obra indica a transitoriedade da personagem, o percurso espacial da obra, com enredo e personagem politópica.

“E Maria foi arquitetando a ideia de se chamar de outros nomes, muitos nomes, no intento de ser muitas pessoas, outras pessoas, de viver muitas vidas, de ter todas as experiências que lhe fossem dadas neste mundo velho de água chamado Terra.” REZENDE (2011, p.19)

À medida que se avança na análise, toma-se conhecimento que “Outras vezes, o espaço não somente explicita o que é ou será a personagem. Muitas vezes, o espaço influencia a personagem a agir de determinada maneira”. (BORGES FILHO, 2007, p. 37), ou seja, o espaço propicia, provoca as ações da personagem além de situá-la.

No segundo capítulo da obra, em Dores do Indaiá, Maria ao se deparar com a mãe na cozinha lavando louças decide que a viagem proporcionará “oportunidades de aprender muitas coisas, coisas que a pia cheia de louça e a mãe sozinha não podiam ensinar”. (REZENDE, 2011, p. 20). O espaço apresentando pressionou a decisão de Maria e proporcionou a ação da

mesma. A cozinha, lembra o trabalho feminino, a condição da mulher dona-de-casa, situação já superada com o processo de emancipação feminina, desde os anos de 1960.

Na Cidade Livre – Brasília/DF, Maria vive suas expectativas de tornar real sua ideia, afinal, “Num sonho ela viajara para Brasília, a cidade que nasceu de um sonho.” (REZENDE, 2011, p.28). Em, São Francisco a condição de expectadora dá lugar determinada a realizar algo a partir da proposta de viver em várias cidades esfacelando o “eu” em vários “eus”.

Sobre a relação do espaço estabelecida com a personagem romanesca, Ivan Lins (1976) afirma que poucas vezes na Literatura Brasileira, o espaço, apenas situando, nada explica e nada influencia as personagens, principalmente no que diz respeito à ação.

O interessante da obra é a percepção que os espaços reforçam as ações e os elementos que integram esses ambientes auxiliam na caracterização da personagem e na sistematização da construção narrativa.

Considerações finais

Na obra há apenas cenários, espaços construídos pelo homem. A representação dos mesmos é realista, afinal, o narrador cita cidades existentes no contexto extratextual provocando a ideia de realidade.

O deslocamento, do interior do estado para a capital do Brasil e outras metrópoles demonstram o objetivo da personagem de ser senhora de si, cumpre a função de liberdade, identificação e descoberta. A mudança foi impulsionada pelos espaços e influenciada pelos nomes adotados. O narrador demonstra no retorno da personagem a mudança de valores, atitudes e comportamentos.

Nessa obra de Rezende, há oito cenários compostos pelas cidades. No entanto, Dores do Indaiá é o cenário da partida e do retorno da personagem. Poderíamos dizer que o espaço Dores do Indaiá é um espaço de reencontro, enquanto os outros são de descoberta. A espacialidade está ligada aos vários efeitos que a obra produz, desde o título “*A mocinha do Mercado Central*”. Outro fator é que a trajetória entre o percurso espacial e o percurso temático é

um dos pontos que instigam o texto.

REFERÊNCIAS

BORGES FILHO, Ozíris. *Espaço e literatura*. Introdução à toponálise. São Paulo: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.

LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976.

REZENDE, Stella Maris. *A mocinha do Mercado Central*. Ilustrações: Laurent Cardon. São Paulo: Globo, 2011.